

RELACIONAMENTOS EFÊMEROS: SEM COMPROMISSO, CANCELE QUANDO QUISER

Ana Maria MUXFELDT¹
Nanieli Cristiane dos Santos de ALMEIDA²
Renata KLEINÜBING³
ammuxfeldt@gmail.com

RESUMO: O assunto do presente trabalho compreende relacionamentos interpessoais. O tema central se detém à presença de comportamentos de jovens adultos que estabelecem relacionamentos efêmeros na contemporaneidade. O interesse pela temática surgiu devido à demonstração de sentimento de ambivalência que ocorre atualmente na população específica. A pesquisa tem como objetivo geral verificar a presença de comportamentos que contribuem para a ocorrência de relacionamentos interpessoais amorosos que se caracterizam pela efemeridade, utilizando-se da amostra de 227 respondentes, com idades entre 18 e 24 anos, de ambos os sexos, abrangendo todas as orientações sexuais, de nacionalidade brasileira, que residem no Brasil. A pesquisa realizou-se por meio de um questionário misto, elaborado na plataforma Google Formulários, composto por 38 questões de caráter quantitativo e descritivo, que foi aplicado em formato on-line, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi encaminhado através dos aplicativos Whatsapp, Facebook, Instagram ou Tinder. A partir do recebimento das respostas, o presente trabalho apresenta discussões e interpretações dos dados obtidos através da análise de frequência, considerando os conhecimentos adquiridos na fundamentação teórica deste, para a elaboração de um artigo científico. A Efemeridade das relações atuais é caracterizada por uma variedade de comportamentos que alteram o meio social contemporâneo. Desta forma, pode-se concluir que a resposta do problema de pesquisa correlaciona-se com o embasamento teórico proposto. Portanto, pode-se perceber comportamentos associados a relacionamentos efêmeros de jovens adultos na população citada.

Palavras-chave: Relacionamentos interpessoais amorosos. Contemporaneidade. Efemeridade.

¹ Psicóloga e Professora do curso de psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Email: ammuxfeldt@gmail.com

² Acadêmica do 10º período do curso de psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: nanielialmeida@gmail.com

³ Acadêmica do 10º período do curso de psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: renatakleinubing@gmail.com

EPHEMERAL RELATIONSHIPS: NO COMMITMENT, CANCEL AT YOUR LEISURE

Ana Maria MUXFELDT⁴
Nanieli Cristiane dos Santos de ALMEIDA⁵
Renata KLEINÜBING⁶
ammuxfeldt@gmail.com

ABSTRACT: The subject of the present paper comprehends interpersonal relationships. The central theme focuses on the presence of behaviors in young adults that establishes ephemeral relationships in contemporaneity. The interest for the theme arose due to the demonstration of the sentiment of ambivalence that currently occurs in the aforementioned population. The general objective of this research is to verify the presence of behaviors that contribute to the occurrence of loving interpersonal relationship that are characterized by its ephemerality, using the sample of 227 respondents, aged between 18 and 24 years, of both sexes, encompassing all sexual orientations, of Brazilian nationality, residing in Brazil. The research was performed by a mixed questionnaire, on Google Forms platform, composed of 38 quantitative and descriptive questions, in an online format, along with Free and Informed Consent Term (ICF), which was sent through Whatsapp, Facebook, Instagram or Tinder applications. After obtaining the answers, this paper presents discussions and interpretations from the data collected through a frequency analysis, supported by the acquired knowledge in its theoretical foundation, to elaborate a scientific article. The Ephemerality of current relationships is characterized by a variety of behaviors that alter the contemporary social environment. Ergo, it can be concluded that the answer of the research problem is correlated with the proposed theoretical basis. Thus, behaviors associated with ephemeral relationships of young adults can be perceived in the above-mentioned population.

Key words: Loving interpersonal relationships. Contemporaneity. Ephemerality.

⁴ Psicóloga e Professora do curso de psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Email: ammuxfeldt@gmail.com

⁵ Acadêmica do 10º período do curso de psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: nanielialmeida@gmail.com

⁶ Acadêmica do 10º período do curso de psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: renatakleinubing@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou explorar sobre a efemeridade dos relacionamentos amorosos contemporâneos, os quais representam, para àqueles que os vivem, sentimentos de ambivalência. Por um lado, estes relacionamentos são vistos como investimentos para livrar-se da insegurança trazida pela solidão, como solução de problemas. Por outro, há o temor da conexão tornar-se permanente, pelos encargos e tensões que os envolvidos não estão dispostos ou aptos a manter, por temer que podem limitar a liberdade que tanto desejam ao se relacionarem. Uma relação encarrega-se de trazer novos tipos de insegurança, mudando-se apenas o nome da ansiedade presente (BAUMAN, 2004).

O amor sempre fez parte da vida humana, com variações em sua concepção e expressão. O amor romântico, há tempos instaurado na sociedade, tem observado o seu declínio. Algumas de suas crenças norteadoras tem se desfeito, dando espaço a outras formas de relacionar-se (LINS, 2017). Segundo Bauman (2004), a sociedade líquida em que vivemos traz consigo a fragilidade dos laços humanos. Giddens (1993) aponta a existência de transformação da intimidade, com relacionamentos fundamentados na satisfação constante e mútua. Lins (2017) traz que a atualidade, ainda conservadora, cede espaço a diferentes possibilidades de amar, voltando-se a não monogamia.

Assim, o presente trabalho visa verificar se a presença de comportamentos associados que influenciam no estabelecimento de relacionamentos amorosos efêmeros que se fazem presentes entre a população de jovens adultos com idade entre 18 e 24 anos, de nacionalidade brasileira e residentes do Brasil. O interesse pelo tema proposto caracteriza-se pelo fato de o assunto estar em evidência na sociedade atual. É legítimo empreender estudos desta natureza, porque trazem conhecimento para o hoje e demonstram os comportamentos de jovens adultos ao buscarem e manterem relacionamentos menos duradouros. Este fenômeno impacta diretamente nas relações da transformação dos relacionamentos interpessoais, assim, é difícil prever o cenário futuro, uma vez que este será direcionado pelos sentimentos de cada sujeito (SOUZA; MACEDO, 2018).

Neste contexto, o presente trabalho se justifica pela proposta de verificar a ocorrência de comportamentos que caracterizam os relacionamentos efêmeros entre jovens adultos na sociedade contemporânea na referida população. Diante disso, objetivou-se contribuir para o enriquecimento da psicologia, no campo da compreensão dos relacionamentos, alcançando e sendo matéria para profissionais que se deparam com demandas que remetem a este assunto, objetivando verificar se há a presença de comportamentos que contribuem para a ocorrência

de relacionamentos interpessoais amorosos que se caracterizem pela efemeridade entre a população de jovens adultos brasileiros que tenham entre 18 e 24 anos de idade.

Para melhor compreensão do problema de pesquisa, seguem os respectivos tópicos de recapitulação acerca do entendimento sobre o amor ao longo do processo histórico, com destaque às maneiras de se compreender o amor através da ótica do amor romântico e do amor líquido, além do sentimento de ambivalência que preside os relacionamentos atuais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AMOR ROMÂNTICO

Os modos de amar e compreender o amor não se mantiveram inalterados ao longo das épocas. Sua expressão é mutável, plural e dinâmica, constituída a partir do contexto social em suas diversas fases culturais, religiosas, políticas e econômicas, influenciadas pelo ambiente familiar e terminando na comunicação de grupos sociais nos quais se está inserido. Assim, pode-se acompanhar o seu processo de desenvolvimento através da história (CHAVES, 2006).

Nos séculos IX e X, tempo marcado pelo feudalismo, predominavam as relações amorosas que pudessem repassar o poder entre famílias. Assim, o casamento tinha a finalidade de juntar heranças, sem buscar a opinião do casal. A expressão do amor burguês compreendia o amor conjugal, com valorização da virgindade, pureza e relações monogâmicas. A finalidade do amor compreendia o casamento. Com influências do cristianismo, o amor mostra sua face de incondicionalidade, que tudo suporta e perpassa. A visão de amor percorria entre o sacrifício e a abdicação, e o casamento representava união perante Deus. O amor romântico, com expressão no final do século XVIII, compôs seus próprios ideais e a proposta de uma nova ordem de relacionar-se (GAY apud CHAVES, 2006; SCHMITT e IMBELLONI, 2011; PRETTO et al., 2009).

O amor romântico persiste até os dias atuais e seu componente indispensável é uma correlação entre amor e sexualidade, a qual contribui para a relação amorosa. Apesar da relevância do desejo sexual, existe uma hierarquia retratando o amor e a satisfação emocional, como mais significativos que as necessidades sexuais (CHAVES, 2006; GIDDENS, 1993).

A relação exclusiva, envolvendo-se apenas com um parceiro, começa a fazer parte do relacionar-se, fazendo com que a intimidade e a afetividade sejam mais valorizadas. A relação assim só terá sequência se existir reciprocidade de ambos os parceiros (CHAVES, 2004).

Por um lado, havia a idealização do amor romântico, da mesma maneira sucedia-se um receio em não se cumprir a realização dos desejos. Assim, o “sofrer por amor” começou a ser visto como uma maneira digna de se viver. Coincidentemente, o sofrimento era valorizado, pois o amor passou a ser uma forma de cura, com dois indivíduos se tornando um só. Juntamente à ideia de sofrer por amor, a relação tornou-se uma forma de refúgio perante o mundo (GIDDENS, 1993).

Essa forma de ver o amor traz consigo alguns mitos, por muitos anos buscados pelos amantes da sociedade: a exclusividade ao amar, sendo fiel e relacionando-se com uma pessoa por vez. Isso também era estendido ao desejo sexual, exclusivo e vitalício à uma só pessoa. Existia a ideia de que a união poderia ser reparadora, capaz de ocupar vazios, em que o indivíduo fragmentado poderia tornar-se inteiro, a crença na possibilidade de se encontrar a pessoa que trouxesse completude e unicidade, com todas as suas necessidades atendidas pelo outro (GIDDENS, 1993; LINS, 2017).

Homem (2014) aponta que a romantização dos afetos foi algo necessário, transcendendo o conceito de amor burguês. Entretanto, aponta que esse modo de amar tem visto o seu declínio, pois os casamentos “por amor” estão sendo desvelados, com parceiros reconhecendo sua baixa funcionalidade. Assim, há um momento de transição, que traz um novo paradigma de relação: “o amor em desencanto”. O amor romântico tem sido ainda desejado, mas pouco realizável.

Permanecer na busca ilusória do amor romântico e suas idealizações inatingíveis de um parceiro ideal tem se tornado uma tarefa difícil de se realizar, acarretando frustrações e sofrimento aos amantes contemporâneos. Assim, este amor tem saído do foco, levando consigo seus ideais e exigências, a necessidade de se encontrar alguém que nos complete, dá lugar a outras concepções de amor, dentre elas, o amor líquido (LINS, 2017).

2.2 RELACIONAMENTOS EFÊMEROS

Dentre os relacionamentos presentes na atualidade, há aqueles caracterizados pela efemeridade, que podem ser nomeados como “amores líquidos”. Estes são influenciados pela relação do homem com o capital, em relações de consumo. Produtos em perfeito estado de

conservação e de uso são descartados assim que outras versões são lançadas. A cultura consumista favorece o imediatismo, a velocidade, a rotatividade, o prazer transitório, a busca de resultados sem grande empreendimento e desejos sem ansiedade. O relacionar-se é influenciado pela lei de encaixar-se no mercado atual, com exigências de flexibilidade. Isto traz consequências sobre as práticas e experiências amorosas, como a responsabilização do indivíduo pelo seu bem estar, o predomínio de interesses individuais, as relações humanas formadas com caráter utilitarista – em que o outro é um utensílio – permitem acesso à satisfação e à realização pessoal, com ênfase no momento presente (BAUMAN, 2004; CHAVES, 2006).

Assim, a sociedade líquida está absorta em questão às relações qualitativas. Bauman (2004) aponta que quando se decepciona quanto à qualidade das relações, busca-se a compensação através da quantidade, almejando contentamento súbito e realização própria. O outro passa a ser visto como objeto de satisfação instantânea do próprio desejo, como uma mercadoria, mensurada a partir da quantidade de prazer que é capaz de proporcionar. Assim que este objeto perde seu potencial de contentamento, dirige-se a alguma novidade (BAUMAN, 2004, 2007; CHAVES, 2010).

Nesta maneira de compreender o amor, há a crença de que o amar pode ser uma habilidade, com possibilidade de melhoria com sua prática e repetição. Acredita-se que as capacidades do indivíduo crescem com o passar do tempo e o acúmulo das experiências. Nesta lógica, há uma constante troca de parceiros, uma vez que o próximo será ainda mais vantajoso que o atual, mas menos estimulante quanto o que virá depois. Estabelece-se assim, uma compulsão à repetição, com relações menos duradouras, porém mais intensas. Mesmo presente em um relacionamento, mantêm-se as possibilidades futuras em aberto, não se permitindo que sejam limitadas por experiências passadas (BAUMAN, 2004).

A proposta romântica de amor duradouro com compromisso vitalício, na razão líquida, é entendida como opressão e geradora de dependência incapacitante. A permanência em uma relação é entendida como limitação às liberdades individuais. Mudam-se os padrões e os critérios que definem o que se entende por amor. Assim, as relações tornam-se episódicas e transitórias, podendo durar horas, dias, semanas ou meses. Ainda, anseia-se por encontrar segurança e conforto na relação, mas estas são marcadas pela fugacidade e insegurança (BAUMAN, 2004; SMEHA e OLIVEIRA, 2013).

Nessa perspectiva, Lins (2017) retrata uma prática muito utilizada nas relações: *Benching*, vem de *bench*, que traduzido significa banco, e é o ato de duas pessoas que têm um ou dois encontros e, de modo inesperado, uma deixa de responder a outra, retornando dias ou

semanas depois. A pessoa que deixa a outra “sentada”, tem medo de engatar em um relacionamento, não tendo clareza de seus sentimentos. Mesmo assim, não quer se desfazer da opção que possui e, se acaso não encontrar alguém melhor, tem uma alternativa segura no banco. A prática do *benching* assegura uma pessoa “reserva” que, caso a outra pessoa precise para algum evento ou situação, sabe que sempre terá alguém a sua disposição. A pessoa que pratica isso geralmente é atenciosa, e age sempre com cuidados, representado com um interesse genuíno, deixando o outro com incertezas.

Deste modo, fica evidente a existência simultânea de diferentes ideais de amor no cenário relacional em voga, com o amor romântico e o amor líquido sendo preponderantes em suas manifestações. Este modelo social se mostra flexível quanto às normas e regras sobre o que é correto e incorreto, com definições de amor e relacionamentos imprecisas, temporárias e subjetivas. O indivíduo contemporâneo se vê responsabilizado pelo seu bem-estar e realização, definindo individualmente o que é positivo ou não para si. Por um lado, o indivíduo tem liberdade de administrar sua realidade, escrevendo sua história à sua maneira. Por outro, este cenário é demarcado por insegurança e incertezas (CHAVES, 2004; VIEIRA e STENGEL, 2012).

Os sujeitos dessa sociedade buscam segurança e refúgio nos vínculos amorosos, mas concomitantemente, este mesmo vínculo representa perda de liberdade e aprisionamento. A possibilidade descomplicada de romperem tais laços causa sensação de maior liberdade, porém não deixa de provocar ansiedade. O sentimento de ambivalência presente nos relacionamentos encontra-se no fato de o envolvimento contínuo ser entendido como opressivo, mas simultaneamente, desejado e buscado pelos indivíduos. Desta forma, fica ao encargo do sujeito contemporâneo a tarefa de realizar uma síntese entre os ideais presentes, reinventando estratégias existenciais (BAUMAN, 2004; VIEIRA e STENGEL, 2012).

3 MÉTODOS

A presente pesquisa foi realizada com a amostra de 227 jovens adultos com idades entre 18 a 24 anos, de nacionalidade brasileira, residentes no Brasil. Foram abrangidas, nesta pesquisa, pessoas de ambos os sexos, de todas as expressões de gênero, identidade sexual, raça e etnia. Foi considerado como critério de exclusão, pessoas com idades diferentes de 18 a 24 anos, não residentes no Brasil ou com nacionalidade diferente de brasileira.

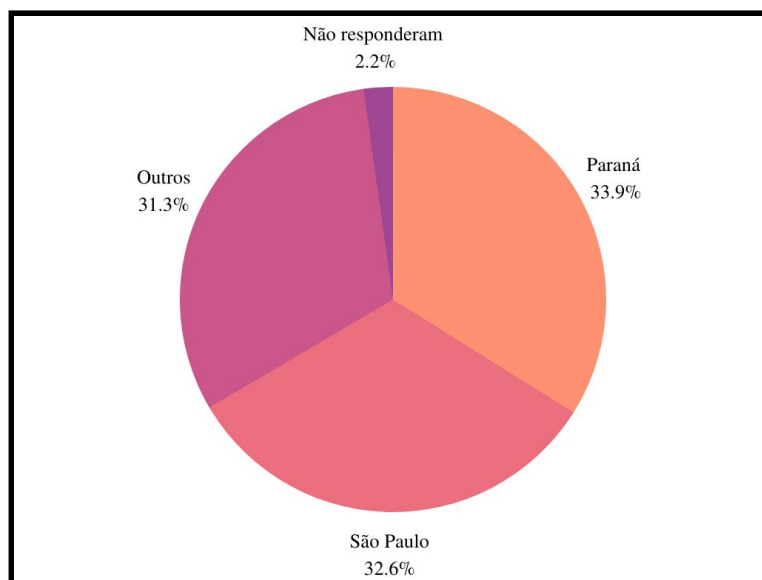
Os instrumentos utilizados na pesquisa foram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o questionário, que apresenta caráter quantitativo e descritivo, respondido de maneira *on-line*. Este foi elaborado com o auxílio do recurso *Google* Formulários e contou com 38 questões, destas, uma que se refere ao consentimento para participação da pesquisa e sete para a coleta de dados sociodemográficos. As demais perguntas versam sobre o tema pesquisado. Estimou-se um tempo total para preenchimento do questionário, que varia de 05 a 20 minutos.

Após ser aprovada pelo Comitê de Ética e pesquisa, a coleta de dados ocorreu por meio dos aplicativos *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e do aplicativo de relacionamento *Tinder*. O TCLE encontrava-se na primeira pergunta do questionário. Assim, pode-se dizer que a coleta de dados foi realizada totalmente em modelo *on-line*. Após o fechamento do questionário, de modo a não se receber mais respostas, elaborou-se a exposição de resultados e os dados foram analisados. Para tanto, utilizou-se a análise de frequência, que consiste em verificar o percentual de respostas de cada questão. Diante dos resultados obtidos, procedeu-se à discussão e conclusão deste trabalho.

4 RESULTADOS

Após a aplicação do questionário, a pesquisa obteve 305 respostas, sendo que 67 não se enquadraram nos critérios de inclusão, das quais: 05 pessoas responderam que não eram atualmente residentes no Brasil, 59 apresentaram idades diferentes de 18 a 24 anos, e 03 pessoas marcaram o campo que não concordavam em participar da pesquisa e não autorizaram o uso dos dados expostos. Além disso, percebemos que havia 11 respostas duplicadas. Portanto, consideramos 227 respondentes da pesquisa. A seguir, apresentaremos a descrição dos participantes com as seguintes distribuições: Participantes conforme o Estado que residem (Gráfico 1); Participantes conforme orientação sexual (Gráfico 2); Participantes conforme a religião (Gráfico 3); *Status* de relacionamento dos participantes (Gráfico 4); Participantes que utilizam ou não o aplicativo *Tinder* (Gráfico 5).

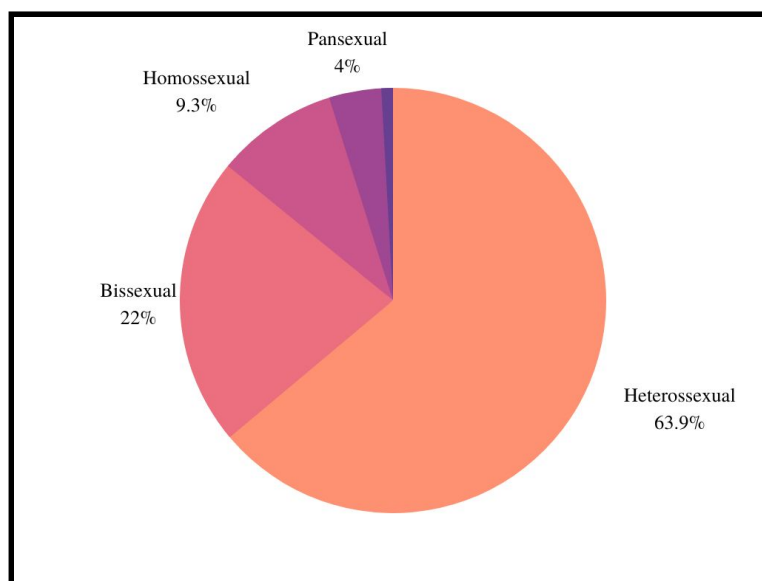
Gráfico 1 - Participantes conforme o Estado que residem.



FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Dentre os participantes que responderam à pesquisa, 77 são residentes do Estado do Paraná e 74 do Estado de São Paulo. Tal parcela corresponde a 66,5% da pesquisa. Dentre todos os respondentes, 100 (44,0%) residem na Região Sudeste e 97 (42,7%) na Região Sul, dados estes que representam a maioria dos participantes, equivalente a 86,7% da pesquisa. No gráfico, a seção indicada como “outros” compreende 15 participantes do Estado do Rio de Janeiro, 15 do Rio Grande do Sul, 10 de Minas gerais, 05 de Santa Catarina, 04 de Goiás, 04 da Paraíba, 03 de Pernambuco, 02 do Amazonas, 02 da Bahia, 02 do Ceará, 02 do Distrito Federal, 02 do Mato Grosso, 02 do Mato Grosso do Sul, 01 do Acre, 01 do Espírito Santo, 01 de Sergipe e 05 não apresentaram resposta. Assim, a pesquisa teve a abrangência de 18 estados brasileiros.

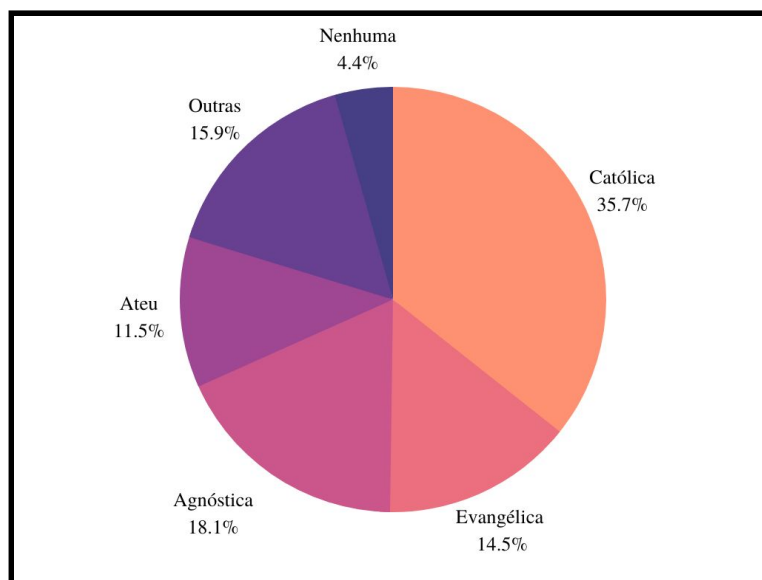
Gráfico 2 – Participantes conforme orientação sexual.



FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

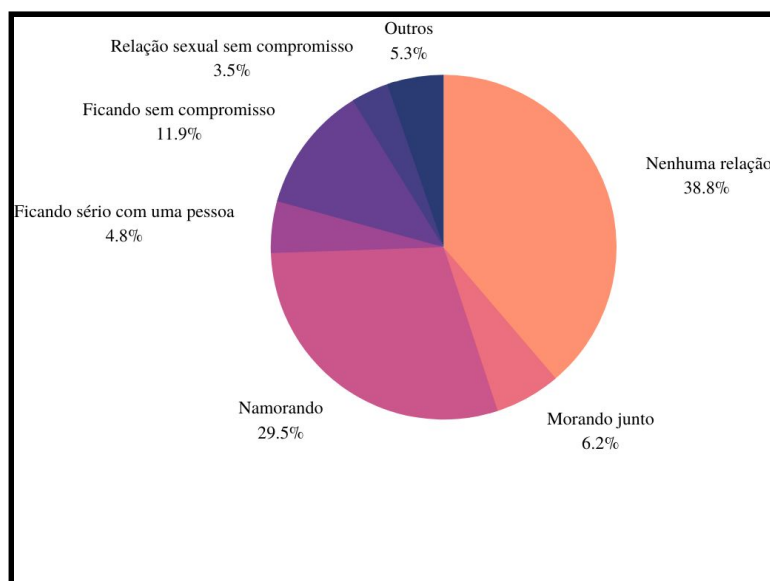
Referindo-se à orientação sexual, nota-se que 145 participantes são heterossexuais, compondo a maioria (63,9%) dos resultados. Dos outros 82 participantes, 50 apresentaram-se como bissexuais (22,03%), 21 homossexuais (9,25%) e 09 pansexuais (3,96%). Além disso, 02 participantes consideram-se demissexuais, que segundo Neiva (2019), são pessoas que se relacionam com o outro apenas se houver laço emocional e podem apresentar atração sexual por outra pessoa, mas não é uma regra contínua. O envolvimento tem por finalidade o contato afetivo e emocional, e não é voltado à realização do prazer carnal. Tal orientação encontra-se no espectro de assexualidade ou “área cinza” (*gray área*) da comunidade (as)sexual.

Gráfico 3 - Participantes conforme a religião.



FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

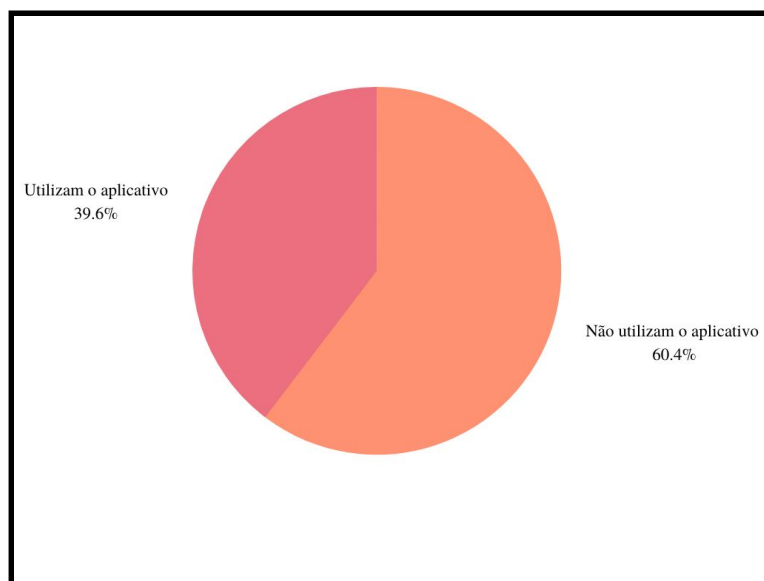
Dentre as religiões dos participantes, as que apareceram com maior frequência foram as religiões: católica, com 81 pessoas; evangélica, com 33 pessoas; agnóstica, com 41 pessoas e 26 participantes se declararam ateus. No gráfico, a seção compreendida como “outras” abrange: 13 pessoas que se declararam umbandistas, 10 espíritas, 03 budistas, 03 cristãs, 01 pagã, 01 wicca, 01 universalista, 01 gnóstica, 01 judaica, 01 candomblecista e 01 crente em deus. Ainda nesta categoria, 08 pessoas relataram não praticar nenhuma religião e 02 pessoas não sabiam declarar uma resposta.

Gráfico 4 - *Status* de relacionamento dos participantes

FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Referente ao *status* de relacionamento, a maioria respondente não se encontra em nenhuma relação amorosa, com 88 pessoas (38,77%). 43,17% da pesquisa é composta por pessoas que estão em um relacionamento monogâmico, representadas por 98 pessoas. 18,06% encontram-se em um relacionamento não monogâmico, porcentagem composta por 41 pessoas. No gráfico, a seção apontada como “outros” compreende 05 casados; 04 participantes em relacionamento aberto, 02 em relacionamento poliamoroso e 01 em noivado.

Gráfico 5 - Participantes que utilizam ou não o aplicativo *Tinder*.



FONTE: Elaborado pelas autoras (2020).

Sobre o uso do aplicativo de relacionamento *Tinder*, a prevalência foi de pessoas que não fazem uso do aplicativo, correspondendo a 137 (60,35%) participantes. Dos 227, 90 (39,65%) o utilizam. De todas as respostas obtidas da pergunta aberta referente ao que pensam sobre os relacionamentos atuais, 102 (44,93%) pessoas acreditam que as relações contemporâneas são caracterizadas pelo amor líquido, permeadas por características de individualidade, efemeridade e transitoriedade das relações, descartabilidade e relacionamentos encarados como perda das liberdades individuais. Dentre essas pessoas, 46 (45,10%) usam o aplicativo *Tinder*. Além disso, 10 (4,40%) participantes apontaram que os relacionamentos atuais são permeados por questões de imagem, influenciados por *likes*, curtidas em redes sociais e *status*.

Em referência aos questionamentos relacionados com ideais do amor romântico, 173 (76,21%) participantes responderam que já se sentiram frustrados por não encontrar seu par ideal, dentre estes, 86 (49,71%) acreditam na existência de alguém que os complete, como alma gêmea. Além disso, 198 (87,22%) participantes apontaram que já se envolveram em

uma relação que mostrou ser diferente do que esperavam. Sobre a crença de que só é possível apaixonar-se por uma pessoa por vez, 75 (33,04%) dos respondentes não acreditam em tal assertiva.

Referente aos questionamentos sobre o amor líquido, dos 189 (83,26%) participantes que já se envolveram com alguém com dúvidas de seus sentimentos, 91 (78,15%) destes terminaram um relacionamento em busca de outro que lhe satisfizesse mais. Considerando o total de respondentes, 43,17% (98 pessoas) já terminaram a relação amorosa em busca de outra que as satisfizesse mais, sendo que 69,39% (68 pessoas) destes acreditam que a troca de parceiros torna o repertório relacional melhor. 105 (46,25%) participantes já se relacionaram buscando apenas seu prazer pessoal, sem considerar os sentimentos da(s) outra(s) parte(s) envolvida(s). Em contrapartida, 122 participantes (53,74%) não adotaram tal comportamento.

Além do exposto, 44,93% (102 pessoas) dos participantes já pensaram em desvincular-se de uma relação por não apresentar novidades. Do total, 164 (72,25%) participantes já sentiram que perderam certa liberdade por conta de uma relação amorosa, e 106 (46,70%) já se sentiram pressionados com as responsabilidades de um relacionamento afetivo amoroso. Dentre os 143 participantes que já se interessaram por mais de uma pessoa em um mesmo período e ficaram com ambas, 82 (57,34%) destes acreditam que envolvimento concomitantes se caracterizam por infidelidade.

Sobre a ideia de que em tempos atuais temos maior liberdade sexual, 95,15% (216 respondentes) concordam com tal afirmativa, 208 pessoas (91,63%) acreditam que atualmente há maior facilidade em se obter relação sexual e 208 (91,63%) aprovam o sexo casual, ou seja, realização de prática sexuais não necessariamente associadas a um relacionamento, como namoro ou casamento, sendo que dentre estes, 211 (92,95%) consideram que o sexo pode ser fonte de prazer, não estando vinculado apenas com o método de reprodução. Dos 227 respondentes da pesquisa, 197 (86,78%) não veem a virgindade como um valor almejado em uma relação amorosa, e 222 (97,80%) acham que as mulheres devem ter as mesmas liberdades sexuais que os homens.

Além disso, 140 (61,67%) respondentes já sentiram que não tinham tempo para uma relação amorosa em sua vida, sendo que dentre estes, 112 (80,00%) encontram-se em vida acadêmica. De todos os respondentes, 109 (48,08%) já deixaram de se relacionar por conta de objetivos profissionais e/ou acadêmicos.

Sobre a durabilidade média dos relacionamentos amorosos, 121 selecionaram a categoria anos; 108 selecionaram meses; 22 selecionaram semanas; 06 selecionaram dias e 04 selecionaram horas.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os expostos sobre (1) liberdade sexual, maior facilidade atual em se obter uma relação sexual, (2) valor dado à virgindade em um relacionamento, (3) consideração sobre sexo casual, (4) o entendimento do sexo como fonte de prazer e não apenas como meio de reprodução e, ainda, (5) a consideração de que as mulheres devem ter as mesmas liberdades sexuais que os homens, pode-se compreender que atualmente vivemos em uma época com menor repressão sexual. Considerando que as respostas não foram unânimes, pode-se compreender que a referida repressão sexual ainda é existente, apesar de todas as desconstruções feitas nas últimas décadas em nossa sociedade. Tal fato pode ser compreendido mediante os seguintes aspectos:

O ano de 1960 foi marcado por contestação dos padrões de conduta judaico-cristã, movimento nomeado de contracultura. Ele trouxe um novo conceito de vestimentas, visão de casamento, relações amorosas e relações sexuais. Neste momento, foi possível avistar uma permissividade inédita no âmbito social, principalmente às mulheres, conquista influenciada pelo movimento feminista. Neste momento, visava-se a erradicação da inibição e da frustração sexual, com busca da garantia do direito ao prazer e do sentir (LINS, 2020a; 2020b). Além disso, a inserção da pílula anticoncepcional no mercado contribuiu para a desvinculação da prática sexual da finalidade de reprodução, possibilitando um movimento de emancipação e autonomia feminina, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a revolução sexual (LINS, 2020a).

Nas perguntas relacionadas às crenças do amor romântico (existência de uma pessoa que o complete e a possibilidade de se apaixonar apenas por uma pessoa por vez), pode-se observar que os resultados se apresentaram relativamente divididos, com 104 participantes acreditando na existência de alma gêmea, e 123, não.

Sobre apaixonar-se por uma pessoa por vez, apenas 75 dos 227 respondentes totais concordaram com tal assertiva. Assim, compreende-se que as crenças do amor romântico ainda se fazem presentes na sociedade, influenciando as tomadas de decisões a partir da ideia de que só é possível amar uma pessoa por vez, que um dia encontraremos “a pessoa certa” etc.

Ter as crenças do amor romântico como fundamento ao relacionar-se, traz como resultado a projeção ao outro do próprio desejo, das próprias expectativas, atribuindo ao outro

características que o próprio sujeito não possui. Cobra-se do outro tudo o que se almeja a si mesmo, e assim são criadas idealizações que predizem frustrações, quando as expectativas não se cumprem. O amor romântico é encarado como única forma de amar e apreende-se a buscá-lo. Com relações pautadas no que não condiz com o que é real, em pouco tempo surgem sentimentos de frustração, decepção e tédio, associados (LINS, 2017; 2020a). Observando as respostas obtidas, pode-se concluir que o sentimento de frustração está presente nos relacionamentos atuais, evidenciado nas seguintes respostas, 222 e 139:

“As pessoas depositam no outro suas expectativas e, quando se deparam com o outro real, frustram-se (...)”
e ainda
“Muitas pessoas parecem estar traumatizadas com relacionamentos passados e não querem algo sério ou usam isso de desculpa”.

O fenômeno *benching*, segundo Lins (2017), consiste na prática de deixar uma pessoa "reserva" aguardando para se relacionar, deixando possibilidades em aberto e alternativas sempre disponíveis sem considerar o sentimento do outro. Para afirmar a referência da autora, foi destacada a resposta 79:

“[...] Desta forma, vejo que os relacionamentos nos tempos atuais estão muito descartáveis, afinal, enquanto ainda não há namoro, existem paqueras com pelo menos outras 1 ou 2 pessoas. No término do relacionamento, geralmente, sabe-se que essas paqueras poderão estar disponíveis novamente pra poder satisfazer (seja em uma companhia para sair, ou para o sexo) [...]”.

Considerando que a maioria dos participantes já se interessaram por mais de uma pessoa em um mesmo período, ficando com ambas, pode-se entender que atualmente não há um completo interesse em se manter relações exclusivas e monogâmicas. Porém tal prática é considerada por muitos como “infidelidade”, o que pode causar sofrimento àqueles que praticam tal ato. Isso pode ser explicado pelo fato de a monogamia ser compreendida como padrão a ser seguido, como forma indiscutível de relacionar-se (LINS, 2017).

A imposição deste modo de relação exclusiva estabeleceu-se sobre a influência do cuidado com a propriedade privada, ato que se expandiu ao ato sexual. A monogamia ainda se constitui como uma exigência do amor romântico, sendo relacionada à importância e ao valor dado ao indivíduo com quem se relaciona. Assim, considerando que o amor romântico se encontra em declínio, sua principal característica de relação exclusiva o tem acompanhado. Isso influencia o aumento do número daqueles que apresentam vida sem companheiro estável, expandindo as alternativas às relações amorosas (LINS, 2017), o que se evidencia através da

maioria afirmativa (143) à pergunta “Você já se interessou por mais de uma pessoa no mesmo período de tempo e ficou com ambas?”.

Sobre os aspectos relacionados ao modo das relações líquidas, pode-se considerar que a maioria dos respondentes gostaria de terminar suas relações sem sofrimento, e consideram a troca de parceiros como uma prática aceitável, na procura de algo que virá a satisfazer mais, futuramente (perguntas).

Considerando que pouco menos da metade dos participantes declararam já ter deixado de estabelecer compromissos com alguém por receio da relação se tornar monótona (105), já terminaram uma relação amorosa em busca de outra que o ofertasse mais satisfação que a anterior (98), já pensaram em desvincular-se de um envolvimento amoroso por não apresentar novidades (102) e mais da metade (130) têm a convicção de que a troca de parceiros torna seu repertório de habilidades relacionais e sexuais maior e já deixaram alguém por acreditarem que poderiam encontrar alguém melhor para suprir suas expectativas (118), pode-se afirmar que as considerações de Bauman (2003) sobre a afluyente disponibilidade em se obter relações amorosas pode levar a encarar o amor como uma habilidade, que pode ser desenvolvida com prática e execução, considerar que o amor irá aumentar com o acúmulo de experiências e que o que virá depois será ainda mais estimulante que o atual, estão presentes no relacionar-se contemporâneo brasileiro.

De acordo com Bauman (2004), a contemporaneidade é caracterizada por velocidade, transitividade e rotatividade, portanto as relações amorosas se encaixam nesse modo de se relacionar. Nesse conceito interminável, a velocidade com que as pessoas começam a formar laços emocionais é proporcional à velocidade com que desfazem esses mesmos laços (ZORDAN e STREY, 2010). Os comportamentos citados são verificados nas respostas 13; 89;130 e 167:

“Acredito que os relacionamentos contemporâneos são pautados na efemeridade, onde tudo acontece muito rápido através de likes, poucas conversas. As pessoas criam vínculos mais rápido, na mesma proporção que desfazem. É o famoso aqui e agora, não tem um compromisso rígido como antigamente, é tudo mais ‘solto’, onde cada um faz o que bem entender e o melhor pra si, muitas vezes nem pensando no outro”;

“Nos dias de hoje eu percebo maior fluidez entre as relações, relacionamentos mais rápidos [...]”;

e

“Se desfazem com uma gigantesca facilidade”.

Observando os resultados das respostas sobre a hipótese de que jovens já haviam deixado de se relacionar por objetivos acadêmicos ou profissionais, pode-se considerar a

assertiva de Chaves (2010) sobre o aceleração do ritmo de vida, com priorização de projetos individuais como fatores, dentre os quais, favorecem a instabilidade e insegurança nas relações. O mesmo ocorre para a facilidade em conseguir sexo atualmente e maior liberdade sexual ao gênero feminino.

Além do apresentado, obtivemos respostas com teor diferente do que havíamos pensado previamente. Dentre as respostas recebidas à questão de como os participantes compreendiam as relações amorosas em voga, 10 abordavam sobre como as redes sociais, *likes* e *status* têm influenciado as relações amorosas atuais, nas respostas 39; 49; 172 e 221:

“Elas (as relações) estão muito fictícias. Não se vive mais como antes, se publica mais. Na minha opinião, quando deixarmos de ter relações para nos aparecer e sim pra viver, seremos mais felizes em qualquer relação, seja ela de momento ou duradoura”;

“Hoje em dia, se busca mais mostrar para os outros que você está feliz com alguém do que realmente estar feliz com essa pessoa”;

“Pela geração das redes, sinto que nos tornamos mais dos outros que de nós, e firmamos compromisso nisso. [...] Nossa geração não aprendeu a ser, mas parecer”

e

“Muito focado em imagem e pouco na relação em si”.

Para Castro e Rocha (2009), o cotidiano contemporâneo é atravessado por influências midiáticas, compondo uma nova perspectiva de cultura e de consumo. O entretenimento pode ser encarado como um produto, que versa interesses dos sujeitos sociais em garantir audiência na espetacularização de sua rotina, através de padrões de visualidade, em meios de comunicação e redes sociais, visando proporcionar a identificação com representações sociais (CASTRO e ROCHA, 2009).

A solidez dos endereços físicos e suas consequências à elaboração das identidades foram superados pelos espaços virtuais, com modificação da compreensão de presença, de corpo e de relacionamentos, com a desvinculação entre o *self* e o corpo, através do contato em meio cibernético. O sujeito atual encontra-se em lugar de dívida e avaliação constantes, cobranças viabilizadas pelo meio virtual (PELBART, 2000). A sociedade de consumo veicula histórias de paixão, fato que pode trazer sentimentos de incapacidade e culpabilização ao sujeito ao se relacionar com o outro, se comparando com o que é manifesto, permanecendo em sentimento de débito e descrédito. Pode-se considerar que tal cultura, em que estamos imersos, contribui para que os indivíduos se sintam com defeitos e traumas, a forjar outras formas de se relacionar (CHAVES, 2010). Essa relação com a imagem pode ser observada na resposta número 188:

“[...] O capitalismo e seus moldes de imediatismo e inúmeros estímulos diários trazem essa questão de busca constante por novidade como algo muito complicado, além de falta de privacidade de alguns relacionamentos, que parecem perfeitos nas redes sociais, o que gera até ansiedade em pessoas que namoram ou são casadas que acompanham os ‘casais perfeitos’ e consideram que o relacionamento atual não consegue suprir suas necessidades ou não é bom como os outros”.

Desta maneira, pode-se afirmar que imagens dissipadas por redes sociais virtuais, influenciadas pela relação com o capital, têm influenciado as relações amorosas contemporâneas.

Além disso, a relação do sujeito como objeto, do corpo como produto, tem se estabelecido no cenário contemporâneo: O corpo tem sido alvo de publicidade, a ser exposto como produto. Corpo este, baseado em padrões estéticos e influência da moda vigente, aproximando-se do almejado, do que é visto como ideal por determinados grupos sociais (ARAÚJO e STOFFEL, 2007), fato exemplificado pela resposta 96:

“Como sexo virou produto (seja por sexshops ou por pornografia), a facilidade de consumo é muito grande e isso também resulta numa desumanização (como ocorre no Tinder), pois passa-se a uma relação com um corpo e não com uma pessoa”.

Os seres humanos estão postos como objetos de consumo, julgados a partir da quantidade de prazer que oferecem. Assim, os valores intrínsecos do ser humano têm saído de foco, por influência da relação de mercado e de consumo (BAUMAN, 2003).

De acordo com Lins (2020a), uma das características para um bom relacionamento amoroso é respeitar o espaço do outro. A pessoa amada é considerada e possui uma identidade totalmente independente do parceiro, porém a ideia de fundir o amor acaba atrapalhando, e o outro não percebe que não está respeitando o espaço e nem a personalidade de ambos, o que acaba gerando um desconforto na relação. O respeito pela personalidade dos indivíduos e parceiros é fundamental. Quando um parceiro tem tanto medo de ficar sozinho e dependente demais do outro, acaba se apegando a este como uma pessoa que está naufragando. Percebemos nesta fala da autora, sobre o individualismo, nas respostas 04 e 53:

“[...] Em uma relação, por exemplo, elas acabam por se tornar dependentes dos seus parceiros, porque ao contrário das anteriores, acabam focando muito nos parceiros, transmitindo a responsabilidade sentimental para o parceiro, mesmo que involuntariamente [...]”;

e

“Superestimado. As pessoas acabam usando seus parceiros como muleta”.

Shinyashiki (2000) apontou que as pessoas não querem estabelecer uma conexão com alguém porque têm medo de perder sua liberdade e porque se sentem presas em um

relacionamento. É notável essa fala do autor com a resposta da pergunta “Você já sentiu que perdeu certa liberdade por conta de uma relação amorosa?”, na qual, dos 238 participantes, 175 relataram que perderam certa liberdade por estarem em um relacionamento amoroso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor romântico, no cenário contemporâneo, tem se mostrado em decadência, com algumas de suas crenças norteadoras se desfazendo e dando espaço a outras formas de relacionar-se (LINS, 2017). Uma das maneiras que tem se destacado é o amor líquido, com relações efêmeras, resultando em sentimentos de ambivalência (BAUMAN, 2004).

Percebe-se, juntamente com a teoria e com o que foi verificado na pesquisa, que os relacionamentos amorosos têm se mostrado, por um lado, como solução de problemas e, ainda, como fonte de perda das liberdades individuais, monotonia e frustração, por conta de idealizações.

Este assunto apresenta-se em evidência na contemporaneidade, uma vez que comportamentos de jovens adultos em seu modo de se relacionar impactam diretamente no contexto social e histórico, transformando as relações interpessoais amorosas e as perspectivas de futuro, que serão direcionados pelos sentimentos de cada sujeito (SOUZA E MACEDO, 2018).

Assim, a presente pesquisa visou contribuir com a ciência psicológica, delineando os comportamentos dos indivíduos de 18 a 24 anos de idade, em sua maneira de estabelecer conexões. Buscou-se, ainda, acrescentar no progresso em entendimento acerca dos relacionamentos interpessoais amorosos, sendo uma pesquisa de referência para profissionais que se deparam com essas demandas em campo profissional, sejam em instituições ou em clínicas.

Mediante a coleta e análise dos dados obtidos, pode-se considerar que o objetivo da pesquisa foi alcançado, sendo verificada a ocorrência de comportamentos associados ao estabelecimento de relacionamentos efêmeros, sendo eles: Envolver-se com alguém com dúvidas sobre os seus sentimentos; deixar de se envolver amorosamente por conta de objetivos profissionais e acadêmicos; sentir-se frustrado por não encontrar um par ideal; compreender que há maior liberdade sexual comparado a tempos anteriores e o sexo casual como uma prática considerável; apresentar envolvimento amoroso buscando seu prazer pessoal sem considerar sentimentos do outro; deixar de estabelecer compromisso por receio

da relação ficar monótona; sentir que perdeu a liberdade por conta de uma relação amorosa; terminar um relacionamento em busca de outra pessoa que lhe satisfizesse mais; acreditar que a troca de parceiros amorosos tornam o repertório de habilidades relacionais e sexuais maior; concordar que sexo é mais que um meio de reprodução, podendo ser fonte de prazer; não considerar a virgindade um valor importante antes do namoro ou casamento; compreensão de que atualmente há maior facilidade em se obter uma relação sexual; apresentar interesse por mais de uma pessoa em um mesmo período de tempo e ficar com ambas; considerar como infidelidade envolvimento concomitantes em um mesmo espaço de tempo; apresentar vontade de romper um envolvimento amoroso sem sofrimento; envolver-se com alguém por medo de sentir-se sozinho; sentir-se pressionado com as responsabilidades de um relacionamento; romper relacionamento por acreditar que poderia encontrar alguém melhor para suprir as expectativas; compreender que a mulher deve ter os mesmos direitos sexuais que os homens e, ainda, sentir que não tem tempo para uma relação amorosa em sua vida.

Assim, pode-se confirmar a presença dos comportamentos relacionados aos envolvimento amorosos efêmeros apresentados por Bauman (2004), de rompimentos de relacionamentos amorosos sem dor, entendimento de troca de relações como forma de desenvolvimento de experiências, evitação de relações monótonas e constante insatisfação com as relações, presença da efemeridade, descartabilidade e individualidade nas relações e sentimento de ambivalência; comportamentos ainda propostos por Smeha e Oliveira (2013) são, maior individualidade, liberdade, igualdade de gênero, medo de responsabilidades, superficialidade e descartabilidade das relações, e busca do romantismo (crenças do amor romântico); Lins (2017) trás, frustração com relacionamentos anteriores, desejo de maior liberdade, falta de interesse em manter uma relação exclusiva (monogâmica), declínio de crenças do amor romântico (como de alma gêmea, completude, apaixonar-se apenas por uma pessoa por vez); Giddens (1993) relata, movimento de igualdade sexual buscado pelas mulheres, sexo desvinculado do caráter reprodutivo, virgindade não mais como um pré-requisito ao relacionar-se e Chaves (2010) aponta, aceleração do ritmo de vida, facilidade em obter relação sexual, maior liberdade e independência da mulher, descompromisso ao relacionar-se e busca por autorrealização.

Dessa maneira, pode-se considerar que as respostas ao problema de pesquisa correlacionaram-se com a fundamentação teórica apresentada. Assim, podemos observar que os jovens adultos vivem relações líquidas, porém ainda acreditam nas crenças do amor romântico.

Sugere-se, aos próximos pesquisadores do tema, que investiguem sobre a relação da influência midiática na relação estética corporal, *status* em redes sociais, e a influência desses fatores na relação com o corpo e com os comportamentos afetuosos nas relações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. C. D.; STOFFEL, A. **A Forma Exata: Do Produto ou do Corpo? O que é vendido nas Campanhas Deca?** Revista Gestão e Desenvolvimento. Revista do mestrado em administração. v. 4, n. 2, 2007. Disponível em <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/879>>. Último acesso em: out. 2020.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CASTRO, Gisela G. S., ROCHA, Rose de M. **Cultura da mídia, Cultura do Consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno**. In: Logos 30: Tecnologias de Comunicação e Subjetividade, São Paulo, 16: 2009. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/361/321>>. Último acesso em: out. 2020.

CHAVES, J. C. **As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade**. Belo Horizonte: Psicol, 2010. Psicol. rev. (Belo Horizonte) vol.16 no.1 Belo Horizonte abr. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a04.pdf>>. Último acesso em: out. 2020.

_____. **Contextuais e pragmáticos: Os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**. Tese doutorado em Psicologia Social e da Personalidade. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da belle époque**. Análise Social, vol. XLI (180), 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n180/n180a06.pdf>>. Último acesso em: out. 2020.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 1993.

HOMEM, M. L. **Fim do amor romântico**. Casa do Saber, 2014. (3 min 54 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=st36PH156hs>>. Último acesso em: out. 2020.

LINS, R. N. **Amor na vitrine**. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020(a).

_____. **Novas formas de amar**. 3ª. ed. São Paulo: Planeta do brasil, 2017.

_____. **O livro do amor: vol. 2 Do Iluminismo à atualidade.** 5ª. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020(b).

PELBART, P. P. **A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea.** São Paulo: Iluminuras, 2000.

PRETTO, Z; MAHEIRIE, K; TONELI, M. J. F. **Um olhar sobre o amor no ocidente.** Maringá: Psicologia em estudo, 2009. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 2, p. 395-403, abr./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a20.pdf>>. Último acesso em: out. 2020.

SCHMITT, S.; IMBELLONI, M. **Relações amorosas na sociedade contemporânea.** O portal dos Psicólogos, 2011. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf>>. Último acesso em: out. 2020.

SHINYASHIKI, R. **Os donos do futuro** (24a ed.). São Paulo: Infinito, 2000.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. **Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens.** Revista Psicologia – Teoria e prática, v. 15, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/03.pdf>>. Último acesso em: out. 2020.

SOUZA, F. M.; MACEDO, L. C. **O impacto do mundo líquido nas relações humanas e o desafio dos profissionais de relações públicas na era da transição.** XII Congresso Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp) Comunicação | Diversidades | Organizações. Goiânia, 2018. Disponível em: <http://portal.abrapcorp.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Anais_Abrapcorp_2018_EIC_ISBN.pdf#page=201>. Último acesso em: out. 2020.

VIEIRA, E. D; STENGEL, M. **Ambiguidades e fragilidades nas relações amorosas na pós-modernidade.** *Itinerarius Reflectionis*, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/22338/19244>>. Último acesso em: out. 2020.

ZORDAN, E. P., & STREY, M. N. **A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos.** Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 2010.